

Capítulo XII - OS INCOMODADOS QUE SE MUDEM

Não deixa de ser natural que o clima intenso de um romance recente crie alguns bloqueios nas mentes dos amantes que passam a funcionar como inibidores de uma interpretação mais racional da realidade.

A bordo, eu e Ana éramos um exemplo cristalino desse estado de espírito. Em menos de meia hora, nós vivenciamos indícios de que havia um risco associado àquele passeio: a leve inclinação do barco que eu havia percebido, a abordagem imediata da Capitania dos Portos, o abandono do passeio por parte de um casal, as conversas na penumbra do cais e a contagem superficial de passageiros pelo representante da Capitania para checar o respeito à lotação máxima foram situações que eu, principalmente, releguei a uma importância inferior e não sugeri que também saíssemos do barco, como fizera o casal. Preferimos continuar abraçados, inspirados nas virtudes do romance e embalados na beleza do amor.

Com o Bateau em movimento, o maitre que havia desaparecido enquanto se desenrolavam as tratativas entre os organizadores e os representantes da Capitania, surgiu no topo da escada e, depois de avaliar superficialmente a distribuição das pessoas no deck superior, falou em voz alta uma mensagem, que parecia bem decorada, com as palavras bem escolhidas para evitar mais preocupações entre os passageiros: pediu para que não houvesse acúmulo de pessoas em um determinado lado do barco. Que as pessoas podiam, claro, se movimentar no deck, mas que ficassem atentas para que não estivessem em grande número numa mesma área, que não fosse a central.

Para mim aquelas palavras soaram de maneira bem estranha, pois seria muito difícil que as pessoas “policiassem” os seus passos durante todo o passeio, com o objetivo de equilibrar o barco. Afinal, tratava-se de uma festa. Além disso, haveria um momento em que esse tipo de controle seria impossível de ser colocado em prática: na hora da queima de fogos, pois os passageiros iriam, de forma aleatória, buscar uma posição no nosso convés que fosse a mais apropriada para ver o espetáculo e tirar fotos. Essa situação não deveria ser tão caótica, porque o Bateau Mouche, eu supunha, estaria firmemente ancorado, minimizando os seus movimentos resultado da ação das ondas do mar de Copacabana.

Capítulo XII - OS INCOMODADOS QUE SE MUDEM

Por outro lado, conversando com Ana a respeito da estranha comunicação do maitre, concluí que as recomendações dele eram dispensáveis, porque o barco tinha alcançado uma velocidade tal que a própria aceleração se responsabilizava por mantê-lo em equilíbrio, mesmo que um grupo não muito grande de pessoas se aglomerasse em uma das laterais. E como estávamos correndo contra o tempo para não perdermos o início dos fogos em Copacabana, não fazia sentido o comandante desligar a propulsão do Bateau, como fizera na primeira vez que deixou o cais do Sol e Mar.

O barco se aproximou da base do Pão de Açúcar e a imponência da rocha, vista de tão perto, deixou Ana boquiaberta. Comentei com ela que na semana seguinte marcaríamos uma subida ao topo do morro, usando o famoso bondinho.

Eu ainda falava da beleza do passeio que faríamos nos próximos dias, quando o Bateau começou a apresentar fortes ondulações laterais. Já tínhamos entrado na zona de transição entre a baía e o mar, com águas mais agitadas. Além disso, naquele horário havia uma concentração de lanchas e barcos bem mais velozes em direção a Copacabana que produziam uma série de ondas de pequeno porte, mas que ao se encavalem, aumentavam de tamanho e se chocavam com o Bateau a bombordo, de forma contínua.

O meu raciocínio não extrapolou a simples sensação incômoda causada pelo balanço do barco provocado pelo choque das ondas. Não passou pela minha cabeça um possível transbordamento da água do mar no porão, considerando que tínhamos atestado o estado das escotilhas, sem condição de vedação adequada.

Eu estava entretido, explicando para Ana a respeito da dificuldade do barco em prosseguir com a mesma velocidade que imprimira nas águas tranquilas da baía, e não percebi a chegada de dois casais com taças e uma garrafa de champanhe. Eles se aproximaram pela lateral da nossa mesa, justamente naquele espaço onde ficava o artefato metálico preso ao chão, com o claro objetivo de se aproximar da amurada, e chegar o mais perto possível do mar. Pelo comportamento do grupo e a necessidade de encontrar um lugar para ficarem juntos, essas pessoas passavam a impressão de que não tinham encontrado mesas disponíveis.

Capítulo XII - OS INCOMODADOS QUE SE MUDEM

Uma vez instalados provisoriamente, de pé ao nosso lado, pude ouvir que eles pretendiam abrir a garrafa de champanhe, certamente no estilo “rolha para um lado e espuma para o outro”, encher as quatro taças e fazer um prolongado brinde a Iemanjá. Tudo isso com o barco balançando o suficiente para comprometer o equilíbrio de quem decidira ficar se locomovendo pelo convés.

Diante dessa inquestionável ameaça de sermos alvejados com espuma que seria expelida da garrafa e considerando que tínhamos a festa para irmos depois da queima de fogos, sugeri a Ana que levantássemos e mantivéssemos uma distância suficientemente segura do animado grupo, evitando que nossas roupas ficassem impregnadas com o cheiro enjoativo do champanhe, caso fossem atingidas.

Por via das dúvidas, deixamos os colares havaianos em cima da mesa, como fizemos antes, para demonstrar que não havíamos abandonado os nossos lugares. Parecia uma atitude desnecessária, mas não podíamos prever a real motivação dos dois casais quando se instalaram do nosso lado, promovendo uma balbúrdia, incoerente com o respeito que se deve demonstrar com pessoas que compartilham o mesmo ambiente, que além do mais era bem reduzido em suas dimensões.

Essa limitação espacial ficou mais clara quando nos pusemos de pé, no estreito corredor. Aparentemente, com o aumento da oscilação do barco, os passageiros preferiram buscar seus assentos, acomodando-se da melhor maneira possível. Com isso, os espaços entre as mesas tornaram-se escassos e permanecer no corredor atrapalhava a movimentação dos garçons e das pessoas que desejavam acessar a escada para descer. A melhor alternativa foi ficar de pé ali mesmo, no corredor, junto à nossa mesa, torcendo para que a comemoração dos dois casais terminasse logo, pois a garrafa já havia sido aberta e as evocações à Iemanjá pareciam diminuir em intensidade.

Naquele momento, eu jamais poderia imaginar que a nossa atitude de sair das nossas cadeiras e permanecer de pé no corredor seria tão crucial em relação ao que aconteceria nos minutos seguintes. Principalmente, no meu caso.

